



o Prelo

ANO XVI • Nº 53 • Janeiro de 2019

BRAILE

*Técnica se mantém
fundamental para independência
de pessoas cegas* **Pág. 16**

Estude fora do país

*Conheça opções de intercâmbios
mais acessíveis* **Pág. 7**

Mais Leitura, Mais Saúde

*Projeto leva entretenimento a pacientes
de hospitais do Rio* **Pág. 30**

Você precisa de um certificado digital. Então, que seja um oficial.

Agende seu horário e receba seu certificado na hora!

A partir de:

Pessoa Física R\$105

Pessoa Jurídica R\$130



Certificado Digital

Descontos especiais para:
ME
EPP/MEI
EIRELLI

Agendamento:

Site: www.ioerj.com.br

Telefone: 0800 28 44 675

Locais de atendimento:

Edifício Menezes Cortes (R. São José, 35 - sala 222) - Centro do Rio

Sede da Imprensa Oficial (Rua Profº Heitor Carrilho, 81) - Niterói



Imprensa Oficial

DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO



o Prelo

Revista de Cultura da Imprensa
Oficial do Estado do Rio de Janeiro

Wilson José Witzel
GOVERNADOR

Claudio Bonfim de Castro e Silva
VICE-GOVERNADOR

José Luís Cardoso Zamith
SECRETÁRIO DE ESTADO DA CASA CIVIL
E GOVERNANÇA



José Claudio Cardoso Ururahy
Diretor-Presidente

Wander Guimarães Damaceno
Diretor Administrativo

Nilton Nissin Rechtman
Diretor Financeiro

Luiz Carlos Manso Alves
Diretor Industrial

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Telefone: 2717-4141 PABX
www.ioerj.com.br

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Edição
Fabiana Paiva

Revisão
Luiz Augusto Erthal e Maria Luisa Barros

Estagiários
Ana Luísa Vasconcellos
Beth Biermann
Bruno Mouro
Daniel Almeida
Estephane Souza
Helen Lugarinho

Diagramação
Eduardo Amador

Produção
Assessoria de Comunicação Social
da Imprensa Oficial

Foto da capa
Banco de imagens

Assessoria de Comunicação Social - ASCOP
Tels: (21) 2717-5617/ (21) 2717-4682
ascop@ioerj.com.br

SUMÁRIO

4 • **Mulheres na Aman**

Pela primeira vez elas estarão na linha bélica do Exército

7 • **Intercâmbio no exterior**

Estudantes têm opções de programas de baixo custo

10 • **Passeios gratuitos**

Turistas podem escolher entre variados roteiros pelo Rio

12 • **Cultura digital**

Projetos que trazem soluções inovadoras para simplificar a rotina

14 • **Moda empreendedora**

Cresce o número de jovens que querem fazer negócios no mundo *fashion*

16 • **Dia Mundial do Braille**

Técnica continua transformando vidas 193 anos após sua criação

19 • **Patrimônio cultural brasileiro**

Literatura de Cordel é reconhecida pelo Iphan

22 • **Urupês**

Há 100 anos, Monteiro Lobato e seu Jeca Tatu traziam crônicas de um Brasil profundo

24 • **#OPreloCurtiu**

Veja as dicas da redação

26 • **Vá de bike!**

Conheça pessoas que trocaram veículos motorizados pelas bicicletas

28 • **Fazendo a diferença**

Na Cidade de Deus, Casa da Dona Amélia oferece apoio a gestantes e crianças

30 • **Mais Leitura, Mais Saúde**

Projeto Mais Leitura amplia participação em hospitais estaduais

32 • **Cantos do Rio**

Jardim Botânico do Rio completa 210 anos de preservação da biodiversidade



4



16



19



32



Mulheres Guerreiras

Exército abre a primeira turma mista e começa a formar militares combatentes do sexo feminino

por **Beth Biermann**

Pela primeira vez na história do Exército Brasileiro, as mulheres serão oficiais combatentes, pegarão em armas, poderão chegar ao posto mais alto da instituição, o de general, e até assumir o comando da Força Militar. Elas eram responsáveis pela parte de apoio nas áreas administrativas, de saúde e de ensino, mas, agora, estão inseridas em funções que, até então, eram exclusivas para homens. A primeira turma mista de cadetes passou, no mês de fevereiro do ano passado, pelo Portão da Academia Militar das Agulhas Negras (Aman), em Resende, com um total de 440 novos alunos, entre eles, 40 mulheres. Uma missão árdua, já que cada uma disputou a vaga com outras 193 candidatas. A presença feminina nas Forças Armadas brasileiras é cada vez maior. Elas já são 30.516 no Exército, Marinha e Aeronáutica, ou 12% do efetivo total militar do país. No final do Curso Básico, as cadetes poderão escolher seguir nas

áreas de Intendência e Material Bélico e, assim, trilhar sua carreira.

A Marinha foi a primeira das três forças a aceitar o ingresso feminino, em 1980, ano que a lei permitiu mulheres dentro dessa instituição. Anteriormente, elas faziam parte do corpo auxiliar, com participação restrita ao serviço em terra. Entre 1995 e 1996, com a promulgação de novas leis que visavam a regulamentação da carreira militar, o acesso das oficiais foi ampliado aos corpos de saúde e engenharia. Já a Força Aérea Brasileira é a pioneira em permitir mulheres para atuar na linha de frente, e não apenas em áreas subsidiárias, pois, em 1995, já era possível a presença delas no Quadro de Oficiais Intendentes. O Exército recebe o público feminino desde a década de 90 nas áreas de comunicação, saúde e engenharia e, agora, se junta às demais forças tendo a parte de combate também composta por mulheres.

Uma delas é a cadete Valquíria Gomes, de 20 anos, integrante da primeira turma mista da Aman. Durante toda a vida estudou no Colégio Militar de Brasília e, assim que saiu, fez um curso voltado para a Escola Preparatória de cadetes do Exército (EsPCEEx). “Eu não tinha vontade de entrar desde pequena, mas também não me via em nenhuma faculdade. Quando soube da oportunidade de estar aqui, só consegui me enxergar na Aman”, contou ela.

Embora o nervosismo tenha feito parte de toda a preparação, alcançar o que desejou recompensa tudo. “É muito gratificante fazer parte dessa primeira turma, principalmente quando temos que nos desafiar todos os dias, e isso me anima cada vez mais. No início, a gente não conhece nada, fica com medo e receio, mas esse desenvolvimento é muito gradual e, aos poucos, fui me adaptando e foi dando tudo certo”, completou Valquíria.

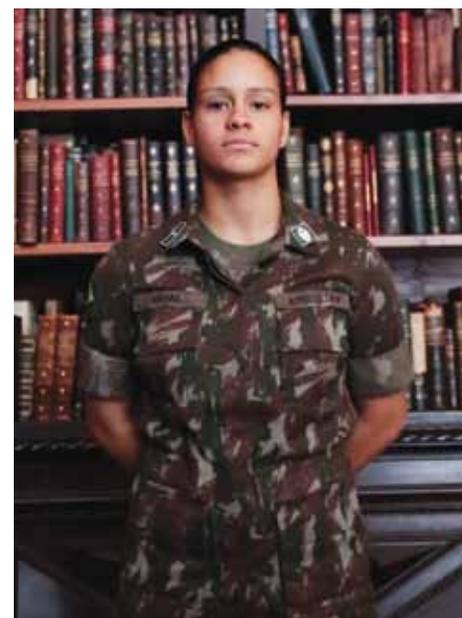
Para receber as novas integrantes da academia, a instituição realizou uma série de mudanças estruturais, como a construção da ala feminina. Em relação aos exercícios inseridos na rotina dos cadetes, foram feitos estudos para analisar quais seriam os limites das mulheres durante as atividades físicas.

O coronel Gomes da Silva, chefe da comunicação da Aman, esclareceu que esse estudo esteve vinculado ao que o corpo feminino aguenta.

“Tudo está relacionado à resistência e a esforços intensos e prolongados. Durante as atividades o desempenho é similar, mas, em combate, há restrição de alimentos, muito tempo sob estresse, esforços com pesos e mais outros pontos que geram efeitos diferentes nas mulheres”, explicou Gomes da Silva.

Segundo o tenente-coronel Bergamaschi, responsável por todo o Curso Básico, as mulheres mostraram evolução nesse início. “Elas fazem exatamente tudo o que os homens fazem, respeitando suas especificidades biológicas, mas, em relação às atividades propostas, surpreendem cada vez

“Quando soube da oportunidade de estar aqui só consegui me enxergar na Aman”



Cadete Valquíria, integrante da primeira turma mista da Aman

mais”, elogiou. “A palavra de ordem aqui é isonomia, tudo exigido é feito no mesmo nível. Principalmente na área operacional, elas fizeram a mesma coisa que os cadetes, foram para montanha e cumpriram todas as exigências. Quatro dos dez melhores alunos da classe são mulheres”, contou.

Responsável pela turma iniciante, a primeira-tenente Maria Cristina Andrade também ressaltou o avanço dos alunos em todos os aspectos. “Conseguimos ver uma evolução de todos eles, na maturidade técnica, na disciplina, no desenvolvimento do dia a dia e, também, no trato com eles mesmos, com os superiores e com os cadetes dos outros anos. Falando apenas delas, a evolução na parte física é bem notória e vemos que, proporcionalmente, as dificuldades são as mesmas”.

O cadete Carvalho, de 20 anos, companheiro de classe de Valquíria, afirmou que lida de maneira igualitária com a turma. “Para mim, é uma relação normal, como era na escola. A única coisa que muda é o profissionalismo exigido aqui, mas a relação homem e mulher é cada dia melhor. Se precisamos uns dos outros o apoio é mútuo”.

Preparação teórica e física

De acordo com o tenente Bergamaschi, em relação ao processo de entrada, o foco na parte teórica é primordial no período que antecede a prova. “Como é um concurso concorrido, o candidato precisa de bastante tempo



Entrega do Espadim aos cadetes da Academia da Força Aérea em Pirassununga, em 2018



Cadete Valquíria (esquerda), primeira-tenente Maria Cristina e o cadete Carvalho



Integrante da primeira turma de guarda-marinhas feminino da Armada embarcada

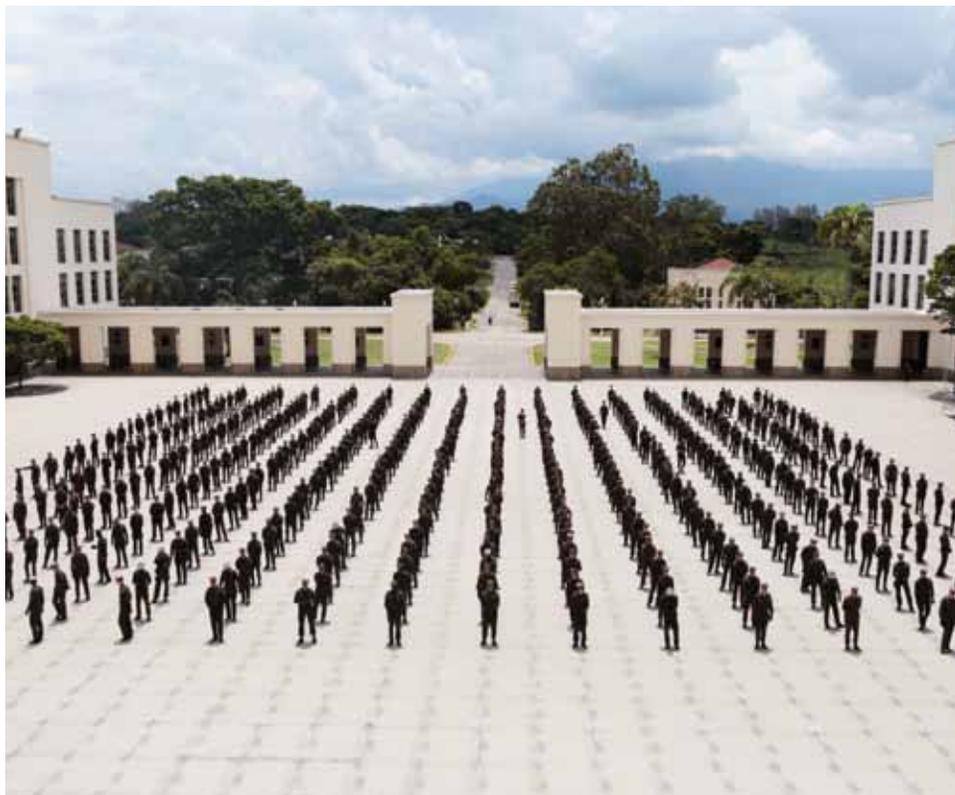
para estudar. Depois de ver que foi bem na prova, é necessário treinar para o teste físico. Após ser aprovado, ainda é necessária uma preparação específica para levar o dia a dia na escola. Quem não tinha um passado ativo sente mais dificuldade e precisa de maior preparo”, afirmou o tenente.

Segundo dados da Aman, em relação ao último processo, apenas 18,55%

dos alunos eram oriundos de colégio militar. Vindos de escolas particulares, foram 43,21% e, das públicas, 38,24%. Os requisitos globais para ser um militar de carreira são: ingresso mediante concurso; altura mínima masculina de 1,60 m e feminina de 1,55 m; idade de 17 a 22 anos e, para oficiais, é preciso ser brasileiro nato. Já para praças, pode também ser naturalizado.

A escola preparatória que antecede a Aman fica em São Paulo, e apenas depois da passagem por lá que é possível o ingresso. “Quando ele está em Campinas, na escola preparatória, é chamado de aluno da EspCEX. Na academia, tornam-se cadetes. O aluno do primeiro ano tem uma formação que engloba conhecimentos básicos que ele vai precisar para qualquer especialização que escolha no início do segundo ano. Ao longo da carreira, todas as áreas têm qualificações operacionais em comum que todos podem fazer, como, por exemplo, curso de paraquedista, de guerra na selva, etc. Além de uma série de técnicos disponíveis também”, explicou o tenente-coronel Bergamaschi.

O crescimento das mulheres dentro das Forças Armadas representa a quebra de barreiras e superação de muitas que sempre buscaram ocupar lugares restritos apenas ao gênero masculino. Após 370 anos da constituição do Exército brasileiro, finalmente é preenchida a última área ainda destinada apenas aos homens. A previsão é de que, ao longo do tempo, cada vez mais mulheres estejam dentro do quadro militar do país. “Esperamos que, com o decorrer dos anos, mais e mais mulheres possam fazer parte das Forças, não só no Brasil, mas também em todo cenário mundial”, disse o coronel. ■



Militares durante o ensaio para a formatura de 2018

IN TER CÂMBIO

passagem para o conhecimento



Fotos Divulgação



Iniciativas garantem que alunos da rede pública tenham chance de conhecer diferentes países, culturas e formas de aprender

por **Bruno Mouro**

Arrume suas malas, separe seus documentos e prepare-se para decolar! Fazer um intercâmbio durante a formação é, sem dúvidas, uma das experiências mais agregadoras pelas quais um estudante pode passar durante a sua vida acadêmica. Conhecer novas culturas, aprimorar um segundo idioma e entender como outras partes do mundo funcionam são só algumas das vantagens de estar em outros países com a intenção de aprender e expandir os próprios horizontes. E mais do que ter vontade, é importante saber quais oportunidades existem e o que fazer para alcançar a tão sonhada vaga.

Muitos jovens idealizam a experiência de viver fora, mas, na maioria das vezes, esse desejo pode parecer distante pelo alto custo de passagens, estadia e alimentação em um lugar diferente. No entanto, programas de intercâmbio de organizações, governos ou rede estadual

podem garantir o passaporte para esse sonho. Da China à França, ou quem sabe uma visita a Washington, capital dos Estados Unidos? Conheça a seguir algumas opções de intercâmbio de baixo custo para jovens estudantes.

Escolas bilíngues da rede estadual

Graças a esses programas que Daniel Trabbold, aluno do 2º ano do Colégio Estadual Matemático Joaquim Gomes de Sousa, fez dois intercâmbios na China em um único ano. Ele participou do “Summer Camp” e, através de uma performance de flauta, conseguiu uma vaga no “Chinese Bridge”, espécie de show de talentos da cultura oriental.

“Estudei mandarim apenas no colégio e foi gratificante conseguir colocar o idioma em prática e, de fato, perceber que eu podia me comunicar

com um chinês”, contou. “Conhecemos escolas, universidades, museus, fomos a concertos e passamos por uma imersão total na cultura chinesa”, destacou o jovem que já teve a oportunidade de cruzar o mundo duas vezes através dos estudos.

Daniel é um dos alunos das escolas bilíngues da rede estadual do Rio de Janeiro. Inauguradas em 2014, elas proporcionam um ensino baseado em interculturalidade, onde o adolescente tem a possibilidade de estudar línguas como francês, inglês, espanhol, turco e mandarim, e também a cultura do país correspondente.

As unidades costumam fechar parcerias para que os estudantes possam fazer intercâmbios. O Intercultural Brasil-China, por exemplo, que fica em Niterói, envia, todos os anos, alunos do 1º ao 3º ano para conhecer a China pelo projeto “Summer Camp”. A cada edição, cerca de 20 alunos ficam no país durante 20 dias para visitar escolas de diferentes cidades e promover trocas culturais com nativos.

“A seleção é interna e são priorizados aqueles que se destacam não apenas nas notas, mas também no interesse e desenvoltura em relação às práticas orientais desenvolvidas durante todo o ano letivo”, declarou Judite Souza, orientadora educacional do CE e uma das responsáveis por acompanhar os 23 jovens que realizaram o intercâmbio em 2018.



Daniel Trabbold em uma de suas duas visitas à China



Jovens brasileiros em competição esportiva durante o programa “Summer Camp”, na China

Para entrar nas unidades bilíngues, e ter a chance de participar de um dos programas, os alunos que concluírem o Ensino Fundamental não precisam passar por prova de seleção. A inscrição nesses colégios é feita partir do “matrícula fácil”.

Programa Jovens Embaixadores

É uma iniciativa de responsabilidade social da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil, em parceria com organizações públicas e privadas, que também permite que jovens conheçam o exterior. Todos os anos, 50 alunos da rede pública, de 15 a 18 anos, são enviados aos Estados Unidos. O programa busca por representantes que sejam exemplos em sua comunidade. Já ter participado de trabalhos comunitários, por exemplo, é um diferencial para quem deseja tentar uma das vagas para conhecer a terra do Mickey.

Daniel de Fúcio Fernandes, estudante do Ciep 117, localizado em Nova Iguaçu, foi um dos selecionados pelo programa em 2018 devido ao seu trabalho de monitor no Clube de Ciências do colégio onde estuda. O aluno que preparava matérias para as aulas práticas e dava monitoria de Biologia e Química teve a oportunidade de participar, durante três semanas, de diversas atividades

interculturais, como conhecer a capital Washington e seus museus, escolas, projetos sociais, e, também, desenvolver a língua inglesa em reuniões e oficinas sobre empreendedorismo.

Além da capital, Daniel teve a oportunidade de passar por diversos estados americanos, tendo aulas nas escolas locais e interagindo com alunos da mesma idade, com a finalidade também de levar cultura brasileira ao exterior através de apresentações e seminários. “Quis mostrar que somos capazes. A minha participação nesse programa foi possível pela união de todos os meus professores, família e amigos”, relatou Daniel, exemplo de que as possibilidades existem e, com esforço, é viável viver uma experiência que parecia distante para aluno da rede pública.

O “Jovens Embaixadores” é uma iniciativa que se encontra ativa e é importante ficar de olho nos períodos de inscrição no site oficial da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil.

Programas de Mobilidade Internacional no Ensino Superior

Quem está perto de se formar no colégio pode ter ampliada a chance de fazer intercâmbio de baixo custo ao ingressar em uma universidade. No Rio, por exemplo, todas as faculdades públicas contam com

programas de mobilidade, onde os alunos podem estudar matérias referentes ao seu curso em uma universidade no exterior. Esses intercâmbios costumam durar de seis meses a um ano, e os estudantes podem disputar bolsas para ajudar nos custos no país.

Na Universidade Federal Fluminense (UFF), por exemplo, o destino mais comum e que mais oferece vagas segundo a SRI (Superintendência de Relações Internacionais) é Portugal. Mas há também opções na Espanha, França, Estados Unidos, Holanda, entre outros, caso o jovem busque a fluência em algum outro idioma específico, além de viver a imersão na cultura local durante um período.

Os editais de mobilidade internacional costumam ser liberados de ano em ano. Então, durante a graduação é possível tentar algumas vezes a tão sonhada vaga, aumentando as possibilidades estudar fora. ■

“A oportunidade de viver seis meses dentro de uma cultura completamente diferente da brasileira é incrível. De janeiro a agosto de 2018, eu tive a vivência de morar em Sevilha, na Espanha, e estudar jornalismo na US (Universidad de Sevilla). Entender métodos diferentes de ensino, trocando conhecimento com professores e colegas de classe com uma visão de mundo diferente será um diferencial ao exercer a minha profissão.

Além da parte acadêmica, um intercâmbio é o momento perfeito para amadurecer, viver o desconhecido, criar laços afetivos antes inimagináveis e, claro, atingir fluência em um idioma estrangeiro. É sem dúvidas uma experiência completa e eu sou muito grato pela minha universidade ter me proporcionado essa troca cultural, que, muitas vezes passada a época dos estudos, se torna mais improvável.”

Bruno Mouro, estudante de Jornalismo da UFF



Daniel de Fúcio, em visita ao Departamento de Estado Americano, em Washington DC

SERVIÇO

Programa Jovens Embaixadores

br.usembassy.gov/pt/education-culture-pt/programa-jovens-embaixadores/
facebook.com/JovensEmbaixadores

Inscrições e informações no Facebook e no site. O período de inscrição costuma acontecer entre os meses de maio e junho.

Portal com dicas e possibilidades de intercâmbio

www.estudarfora.org.br

Superintendênciaderelaçõesinternacionais da UFF - SRI

www.editais.uff.br/orgao/sri
facebook.com/SRIUFF



Brasileiros participantes do programa Jovens Embaixadores nos Estados Unidos tiram foto na Golden Gate, em São Francisco, na Califórnia



fotos Daniel Almeida

Escadaria Selarón é um dos pontos mais procurados pelos visitantes

Passeios turísticos ganham adeptos entre os cariocas

Como alternativa para driblar a crise, turistas optam por programas sem custos promovidos por empresas e historiadores

por **Daniel Almeida**

O Rio de Janeiro, segundo cartão postal mais visitado do país, recebe mais de um milhão de visitas todos os anos, de acordo com o Ministério do Turismo. A grande maioria são estrangeiros beneficiados pela valorização do dólar. Contudo, turistas brasileiros atingidos pela recessão também não abrem mão dos momentos de lazer na Cidade Maravilhosa. Para driblar a crise econômica, uma turma bastante animada tem optado por um programa que não gasta nada além das solas dos sapatos: passeios turísticos gratuitos pelo Rio.

Em roteiros guiados pelo historiador Milton Teixeira e pela agência *Rio Free Walking Tour*, os visitantes vão desde o Centro à Zona Sul carioca. Zona Portuária, Lapa, Santa Teresa e Copacabana costumam ser os locais mais procurados. Além da história dos bairros, os pontos que chamam mais

atenção são praias, monumentos, museus e sítios arqueológicos como o Cais do Valongo, a principal porta de entrada de escravos no continente que foi descoberto em 2011 durante obras de revitalização do porto. Em 2017, o local foi reconhecido pela Unesco como Patrimônio da Humanidade.

Morador da Ilha do Governador, na Zona Norte, o estudante de engenharia ambiental Luiz Felipe Monteiro, de 23 anos, não conhecia parte da história carioca. Em um dos passeios promovidos pela *Rio Free Walking Tour*, o jovem teve a oportunidade de visitar locais que antes só havia escutado a respeito. “O passeio agregou muito ao meu conhecimento e, o fato de ser gratuito contribuiu muito para que eu participasse. Essa iniciativa é importante em momentos de crise, afinal, a cultura é sempre deixada em segundo plano”, destaca.

A procura pelos passeios também atrai estrangeiros. O francês Jean-Louis Sougné, de 31 anos, faz parte do grupo de mais de 6,5 milhões de turistas que desembarcam anualmente em território nacional. Em sua quarta visita ao Brasil, sendo a primeira vez no estado, Jean descobriu os passeios pela internet. “Escolhi andar pelo Centro e, também, pela Zona Portuária. Os guias são bem interativos, nos permitem tirar todas as dúvidas e traduzem o passeio em outros idiomas”, conta.

Os visitantes passam a valorizar mais o patrimônio quando conhecem, acreditam os especialistas. “Muitos têm uma concepção ruim da cidade e acabam se surpreendendo quando a visitam. Um dos pontos-chaves é que, por ser gratuito, as pessoas contribuem com o valor que desejarem, até mesmo porque muitos não possuem tanta condição financeira para arcar com um programa privado”,

afirma Erika Valladares, de 38 anos, guia de turismo da agência.

Professor de História, Milton Teixeira, de 60 anos, é um dos guias que promovem caminhadas culturais. Além de uma agenda própria, realiza mensalmente um passeio com apoio da Rádio Band News FM e costuma reunir centenas de ouvintes interessados na cultura fluminense. “Meu objetivo é levar as pessoas a conhecerem o lugar onde vivem. Você só pode amar aquilo que conhece. Isso estimula as pessoas. Deveria ser uma obrigação da administração pública manter programas desse tipo”, diz.

No último encontro acompanhado pela equipe de reportagem d’ O Prelo, Milton levou cerca de 200 pessoas para percorrerem um trajeto que começou nos Arcos da Lapa, passando pela Escadaria



Marcela (de azul) e a filha Maria Clara, acompanhadas de uma amiga, estão sempre presentes nos passeios do professor Milton



gratuitos



Roteiro pelo Centro também atrai turistas interessados pela história da cidade



Arquiteto e professor de História, Milton também atua como guia turístico pelo Rio

Selarón, pelo Parque das Ruínas, pelas estações do tradicional Bonde de Santa Teresa, entre outros pontos importantes da cidade. Na escadaria, obra do artista chileno Jorge Selarón, os turistas ficaram encantados com o colorido no caminho entre a Rua Joaquim Silva e o Convento de Santa Teresa, que serviu de cenário

para clipes de artistas internacionais, propagandas e editoriais de moda.

Aos 35 anos, a empresária Marcela Vasconcellos é participante assídua dos passeios de Milton e enxerga neles uma forma de incentivar o capital cultural da filha Maria Clara, de 12 anos. “O mundo digital está engolindo as crianças e não quero isso para a minha filha. Desejo que ela encontre um equilíbrio, fazendo bom uso da tecnologia, mas visitando museus, lendo livros e adquirindo cultura”, ressalta.

Cada um desses passeios é uma experiência enriquecedora que contribui para que o passado não caia no esquecimento. “Temos uma cidade linda e cheia de histórias, mas que acabam passando despercebidas por conta da correria no dia a dia. Os passeios podem ser um pouco cansativos fisicamente, mas, diante de tanto conhecimento, isso acaba sendo um fator secundário”, complementa Marcela.

Entre as recomendações para quem deseja realizar os passeios estão o uso de roupas leves e de tênis confortáveis. É importante levar água, sucos e lanches de sua preferência a fim de economizar

nos gastos; passar protetor solar e carregar um guarda-chuva para se proteger em caso de chuva ou sol forte, mas, principalmente, saber respeitar a coletividade. Procure manter diálogos em tom cordial para não impedir que os demais ouçam as explicações dos guias. As datas de realização e os trajetos são divulgados pela internet. Não é necessário realizar inscrições ou pagar taxas, basta comparecer ao local com muita disposição, bom humor e vontade de aprender. ■

SERVIÇO

Rio Free Walking Tour
www.riofreewalkingtour.com
facebook.com/riofreewalkingtour
Tel.: (21) 99587-2804

Professor Milton Teixeira
bandnewsfmrio.band.uol.com.br/
colunistas-detalhes/milton-teixeira
Tel.: (21) 99952-2789
E-mail: miltur@gbl.com.br

TECNOLOGIA & SOCIEDADE

cada vez mais conectadas

Projetos trazem soluções modernas para simplificar questões do dia a dia de todos

por **Bruno Mouro**

Você já imaginou como seria o mundo sem a eletricidade? E sem a invenção da roda? E a tão impactante chegada da internet que interliga instantaneamente pessoas no mundo inteiro? Essas criações já estão inseridas no dia a dia, mas existe gente trabalhando para fazer novas descobertas e desenvolver saídas que facilitem ainda mais a vida das pessoas através da tecnologia.

Para olhar para o futuro, não é preciso ir tão longe. Muito em breve, ferramentas com funções muito importantes para a sociedade como, por exemplo, “cães-guia” robôs, painéis de desenhos para deficientes visuais, balões de vigilância nos céus e aplicativos de socorro em casos de emergências médica, serão incorporadas na nossa rotina.

Alguns dos inventos, que reúnem drones e robôs, foram apresentados ao público, no fim do ano passado, no Hacktudo, um festival de cultura digital. Algumas dessas inovações futurísticas podem ser conferidas nesta matéria!

▶▶ **ALTAVE** Balões de vigilância

Com uma equipe jovem e brasileira, a Altave é uma empresa que, através do uso da tecnologia e da criatividade, buscou soluções para vigiar e garantir, dos céus, a segurança em terra. O produto foi utilizado durante os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro em 2016.

Trata-se de um balão com diversas câmeras de alta qualidade que fazem uma filmagem panorâmica em qualquer direção, facilitando muito a vigilância de grandes áreas. Além dos vídeos em tempo real, uma grande funcionalidade é a possibilidade de manter o balão em diferentes altitudes, expandindo ou encurtando a corda que o prende em até 400 metros de acordo com o espaço que se quer vigiar. Dessa forma, é uma solução para monitorar áreas rurais e urbanas, civis ou militares.

Em tempos de crise na segurança em todo o país, essa nova tecnologia é uma forma eficiente e de custo considerado baixo comparando o retorno trazido em relação a produtos com a mesma finalidade já antigos no mercado.



De fácil mobilidade e baixo custo, os balões são uma solução para a vigilância em grandes áreas, seja no campo ou no meio urbano



Soldados fizeram a vigilância da cidade por meio de balões em mais de quatro pontos durante os Jogos Olímpicos do Rio, em 2016

▶▶ **ARDUINO** Arte inclusiva

Semelhante a um pequeno computador, a placa Arduino tornou a robótica mais acessível a todos. Permite até que pessoas com deficiência visual possam desenhar. Desta forma, a nova ferramenta tecnológica possibilita invenções a um custo menor, mais flexíveis e fáceis de usar por principiantes. A ascensão do Arduino traz uma facilidade grande para muitos criadores, como é o caso da professora

Andrea Vargas, que pensou em como facilitar a vida de deficientes visuais. Com o seu projeto de Arte inclusiva Arduino, o objetivo é fazer com que cegos sejam capazes de desenhar, inclusive identificando cores.

A proposta é capacitar pessoas para que possam se expressar por meio da arte, independentemente das barreiras impostas pela ausência total ou parcial de visão. É importante destacar também que todo o processo de desenvolvimento foi acompanhado e validado por Gisele Priscila Aguiar da Silva, deficiente visual graduada em Sistemas da Informação.

A inovação se assemelha a uma pequena mesa ou prancheta interativa, onde o deficiente visual tem uma disposição de cores pré-definidas com uma programação de sons que permite a identificação de cada uma delas com o toque de um botão. Unidos a esses recursos táteis e sonoros, o invento também produz traços de relevos e utiliza formas definidas que auxiliam quem é desprovido de visão a realizar uma atividade lúdica e muito pouco incentivada nessas condições devido às limitações existentes.

▶▶ SAÚDE PRÓXIMA

Os aplicativos de celular movem o mundo nos dias atuais. Nos ajudam a baixar músicas, jogos, pedir táxi, comida, fazer compras entre outras infinidades de serviços. Na área de saúde, novos *apps* procuram encurtar a distância entre pacientes e centros médicos. Um deles, o “Saúde Próxima”, foi desenvolvido pelo estudante João Vitor Lopes, voltado para a área médica. “O aplicativo foi criado no intuito de minimizar o tempo de atendimento aos acidentes não graves, nos quais a vítima ainda consiga se movimentar e pedir socorro”, define João. Com um programa de fácil uso, o usuário poderá, a partir da especialidade médica desejada, buscar o hospital mais próximo e com maior disponibilidade para sua necessidade. Além de facilitar a marcação de consultas, o *app* também fornece o melhor trajeto até o hospital encontrado.

O Saúde Próxima é um utilitário que pode aparecer em breve para o público nas lojas virtuais e promete agilizar a busca por médicos. O autor do aplicativo estuda uma versão, ainda

sem um custo definido, que daria aos usuários descontos em medicamentos e farmácias.

▶▶ LYSA Cão-guia-robô

Segundo a Organização Mundial da Saúde, mais de 260 milhões de pessoas no mundo sofrem de perda total ou parcial de visão, e no Brasil são mais de seis milhões. Baseado nisso, nasceu o projeto Lysa, o cão-guia robô, equipado com um software de comandos de voz capaz de traçar rotas



Contando com sensores avançados de detecção de obstáculos, comandos de voz e grande vida útil, Lysa promete impactar positivamente a vida de deficientes visuais.

e guiar o usuário até o local desejado, dando maior autonomia ao cego. Um cão convencional costuma ser muito caro e acessível a poucas pessoas com deficiência visual. Com a ajuda da tecnologia, os desenvolvedores acreditam que poderão ampliar muito o número de assistidos.

O projeto inovador consiste em um robô que engloba todas as funções que um cachorro de verdade poderia exercer. Atualmente, a Lysa já passou por diversas fases diferentes de desenvolvimento. Ele consegue detectar, através de sensores infravermelhos e ultrassônicos, a existência de obstáculos em qualquer direção, incluindo buracos no chão ou objetos em locais altos, dificilmente identificados pela bengala e que podem ser de grande risco.

De obtenção mais rápida e preços de aquisição e de manutenção mais baratos, o projeto também defende que os robôs teriam uma vida útil superior à dos cães-guia. Essas características todas reunidas com o foco em acessibilidade são uma alternativa interessante para um futuro com a mecatrônica cada vez mais presente no cotidiano das pessoas. ■

SERVIÇO

Altave

www.altave.com.br/

Arte inclusiva Arduino

www.gamesoundsbr.wixsite.com/andrea-cvr/arte-inclusiva

Lysa

www.caoguiarobo.com.br/
facebook.com/caoguiarobo/

Hacktudo

www.hacktudo.com.br/
facebook.com/hacktudofestival/

Sites que divulgam eventos da área para você ficar ligado:

www.ti.rio/menu/42/agenda-de-eventos

www.eventbrite.com.br/d/brazil--rio-de-janeiro/science-and-tech--events/



*Jovens
empreendedoras
ingressam cada
vez mais no
mundo fashion
sonhando em
viver da moda*

por **Beth Biermann**

C S osturando Sonhos

A cada dez brasileiros, quatro são empreendedores. Muitos deles, em sua maioria mulheres, têm se aventurado entre linhas e agulhas no mundo da moda - setor que emprega mais de 1,5 milhão de trabalhadores e fatura anualmente 45 bilhões de dólares. O sonho de ter o próprio negócio atrai muitos jovens: cinco milhões de brasileiros, entre 18 e 34 anos, estão colocando a mão na massa, segundo a Fundação Getúlio Vargas.

Mas não adianta apenas ser apaixonado por moda. Para dar início a um projeto é preciso se capacitar, fazer pesquisas de mercado e conhecer o público-alvo. De acordo com o Senai Cetiqt, para se destacar no setor é preciso ser multifuncional. “Não é mais só construir a roupa, há um leque de competências que precisam ser desenvolvidas”, explica Ana Claudia Lopes, coordenadora do curso de Design de Moda da entidade. O Senai, junto com dez empresas da indústria, montou um perfil com as habilidades do profissional. Uma das qualidades é a capacidade de analisar os concorrentes, a maneira como se comunicam e comparam preços.

Foi o que fez Eduarda Figueiredo, de 29 anos. Após olhar os produtos disponíveis percebeu que havia espaço para biquínis com qualidade, beleza e

conforto, porém mais baratos. “Com uma amiga, vimos o que era necessário para a criação da marca e, em dois meses, já estávamos prontas para estrear no mercado”, contou Duda, sócia fundadora da marca de roupas de banho “Vou de Pipa”. Outro requisito para o profissional, destacado pelo Senai, é saber gerir o produto. Não basta fazer a roupa, é preciso gerenciar a produção.

Eduarda não fazia diferente, todo o processo passava pelas mãos da nova empreendedora. “Eu desenhava, comprava o tecido, ia até a confecção mandar fazer e ficava sempre de olho em todas as mudanças”, disse ela. Com venda online e apenas um ponto físico no ateliê de uma amiga começou a chamar a atenção de influenciadores digitais. “A filha de uma famosa atriz global comprou um modelo nosso e colocou no Instagram. Por conta disso, *sites* começaram a dar matérias sobre os produtos e, a partir daí, conseguimos ampliar nosso público”, declarou Duda. Em 2017, juntou-se com outra amiga que também tinha vontade de ter um local próprio, além do *e-commerce*, para expor seus produtos. Com isso, pensaram no Coletivo Tertúlia, que tem como objetivo divulgar pequenas marcas e também algumas que vem de fora de Niterói para o público da cidade.

Seguindo os passos da irmã, Maria Fernanda Figueiredo, de 23 anos, voltou seus olhos para o mundo da moda. Sempre teve vontade de vender suas



roupas e queria unir isso ao sonho de empreender. Junto com duas amigas fundou o Bazar Co, onde expunham peças de seus guarda-roupas. “É necessário ter o olhar do consumidor. Se colocando do outro lado é possível aprimorar e entender o que o público quer”, disse. No primeiro bazar, juntaram suas roupas, peças de amigas e de parentes. Marcas consolidadas, *digital influencers* e conhecidos que possuíam negócios similares tiveram interesse no projeto. “Antigamente bazar era visto como algo passado, *trash*. Hoje em dia, cada vez mais as pessoas estão fazendo compras conscientes”, afirmou a jovem.



As irmãs Duda e Maria Fernanda na sede do Coletivo Tertúlia

Outro ponto para o sucesso da marca é saber se comunicar, como explica Ana Claudia, do Senai Cetiqt: “As redes sociais são uma excelente vitrine para quem está começando”, sugeriu. O uso da internet conta com a força de blogueiras, *vloguers*, *digital influencers* e celebridades. Ingrid Gonçalves, de 21 anos, é uma dessas pessoas. Dona da loja online “PGON Store” a estudante de moda relatou que, desde pequena, tinha o hábito de customizar. “Minha mãe brigava porque eu cortava até roupa nova. Sempre amei isso, gostava de usar o diferente”, disse ela.

A comunicação clara faz transparecer a essência da marca e os valores que ela prega, o que é essencial para as vendas. Com 155 mil seguidores em sua conta do *Instagram*, Ingrid não só expõe sua marca como também compartilha o dia a dia relacionado à moda. “Saber que as pessoas gostam de acompanhar minha vida, minhas dicas, pensamentos e *looks*, não tem preço!”, contou Ingrid. O sonho de empreender sempre esteve presente em seu cotidiano, mas o momento de

seguir veio ao entrar na faculdade de moda, onde busca aprender cada vez mais para colocar em prática. “Se eu pudesse, empreenderia várias coisas. Mas meu sonho, até antes de saber que queria fazer moda, era ter uma marca de roupas”, disse a jovem.

O crescimento do número de jovens empreendedores vem impulsionando os negócios de moda, segundo o coordenador do Núcleo de Empreendedorismo e Inovação da ESPM Rio, Rodrigo Carvalho. “A barreira que existia para a entrada neste mercado caiu. Começar nesse ramo ficou muito mais fácil. Além disso, a liberdade no processo criativo é maior e as pessoas se sentem realizadas profissionalmente”, disse ele, que complementou: “Muitas se lançam nesse desafio de ter a própria marca por alguns objetivos: um deles é a maior facilidade de começar um negócio (criar, promover, divulgar). Isso tudo é um exercício de construção artística e autoral com seus projetos, já que criam como se fossem para elas mesmas e atraem quem pensa parecido, finalizou Rodrigo. ■



Ensaio fotográfico da marca de biquínis Vou de Pipa

Divulgação

Divulgação



Maria Fernanda (primeira da direita) na inauguração do Bazar Co

SERVIÇO

Coletivo Tertulia

R. Coronel Moreira César, 265
Loja 221 - Niterói, RJ
Tel.: (21) 3619-9177
instagram.com/coletivo.tertulia
Facebook: Coletivo Tertulia

PGON Store

instagram.com/pgonstore

Senai Cetiqt

R. Magalhães Castro, 174
Riachuelo - Rio de Janeiro, RJ
www.senaicetiqt.com
Tel.: (21) 2582-1001



Pontos que iluminam vidas

Com quase dois séculos de existência, o braile tira da escuridão 39 milhões de cegos no mundo

por **Helen Lugarinho**

Uma simples folha branca com algumas sequências de pontos em alto relevo pode não fazer sentido para muitos, mas, para cerca de 10% dos cegos que vivem no Brasil, é a principal maneira de se comunicar por meio da escrita e da leitura. Estima-se que 6,5 milhões de brasileiros possuam deficiência visual, dos quais 500 mil sejam totalmente cegos, enquanto os outros seis milhões possuam baixa visão. O sistema responsável por essa comunicação é o braile, que foi criado na França por Louis Braille em 1825 e é celebrado no dia 4 de janeiro.

Ao longo da história, pessoas com deficiência foram consideradas fracas e incapazes e, na maioria das vezes, eram deixadas à margem da sociedade. Até que no século XVI, com o Renascimento, alguns pensadores começaram a

entender que essa parte da população precisava ser notada e que alguma coisa deveria ser feita para transformar suas vidas. Em 1784, a realidade dos cegos começou a mudar com a criação do Real Instituto dos Meninos Cegos em Paris. Valentin Haüy, fundador da escola, desenvolveu um sistema de leitura muito simples, a fim de alfabetizá-los.

“A técnica inventada por ele era bastante precária e consistia na reprodução do sistema comum em alto relevo, por meio de tábuas, pregos e arames”, conta a professora Maria da Glória de Souza, do Instituto Benjamin Constant. O primeiro cego a ser alfabetizado foi um mendigo e, para a professora Glorinha, como é conhecida, esse fato é emblemático. “Não sei se ele quis testar sua invenção em alguém que era símbolo da incapacidade e desvalia para mostrar que qualquer um poderia

aprender ou porque, caso desse errado, não ia ter tanto problema”, questiona.

Tempos depois, em 1809, nascia Louis Braille, o grande personagem dessa história. Ele ficou cego aos 3 anos, quando sofreu um acidente na oficina de seu pai. O menino frequentou escola regular durante sua infância e com 10 anos foi transferido para o Instituto de Paris. Lá, conheceu um sistema de leitura formado por pontos, que seria o precursor do braile. “Um general do exército francês o desenvolveu para que seus soldados pudessem ler à noite, mas ele era muito grande e complexo. Era formado por 12 pontos e exclusivo para a fonética francesa”, explica a professora.

Percebendo a dificuldade em aprender esse sistema, Braille aperfeiçoou o invento, construindo a cela braile, um retângulo com seis pontos em alto relevo (três à direita e três à esquerda) para formação dos símbolos e criou, também, um instrumento para a escrita. A primeira versão foi lançada em 1825 e a segunda, em 1837, mas, infelizmente, ele não conseguiu ver o sucesso de sua inovação – o reconhecimento só veio dois anos após sua morte precoce, aos 43 anos.

Professora Glorinha demonstra muita gratidão pelo inventor. Para ela, que também possui deficiência visual, Braille era um exemplo de inclusão e altruísmo. “Ele não fez o sistema para si mesmo e sim para toda uma classe que era invisível, e muitos de nós ainda somos. Ele nos tirou do obscurantismo, nos deu visibilidade, capacidade de cultura, lazer, cidadania e independência”, destaca.

TRAZENDO LUZ AOS BRASILEIROS

Em 1850, o braille chega ao Brasil através de José Álvares de Azevedo. Cego de nascença e filho de família nobre, aos 10 anos foi para Paris estudar no Real Instituto dos Meninos Cegos, onde conheceu a técnica. O jovem voltou para o país determinado a difundir o conhecimento e, então, começou a alfabetizar pessoas com deficiência visual de maneira independente. “Assim como Louis Braille, Álvares de Azevedo tinha um enorme sentimento de coletivo: ajudar outras pessoas. São dois nomes dentro da história da deficiência visual que se cruzam e demonstram um único foco”, observa Maria da Glória.



Maria da Glória começou a frequentar o Instituto ainda criança, mas voltou como professora em 1980



Após ocupar outros espaços, desde 1891 as atividades do IBC são realizadas no majestoso prédio neoclássico, localizado na Praia Vermelha

Uma das primeiras alunas de José foi Adélia Sigaud, filha do médico de Dom Pedro II. “O Dr. Francisco Xavier Sigaud marcou uma reunião entre o jovem professor e o imperador, que ficou maravilhado com a demonstração de leitura”, conta a professora. Dessa maneira, foi dada a ordem para construir o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, localizado, inicialmente, na Gamboa, região central do Rio. Um diferencial foi o fato de, desde a abertura, aceitarem meninas na escola. Das dez vagas oferecidas, quatro foram destinadas a elas.

A instituição, inaugurada em 17 de setembro de 1854, foi a quarta escola para cegos no mundo. Para atender uma demanda cada vez mais crescente, se mudou para um prédio na Urca, onde está situado até hoje com o nome Instituto Benjamin Constant (IBC). Recebe crianças, adolescentes e adultos e suas atividades não se restringem ao ensino do braille: vão desde o incentivo ao esporte até consultas e cirurgias oftalmológicas. No entanto, o viés educacional é o grande carro-chefe.

A professora Rachel Menezes de Moraes, de 32 anos, possui com o IBC uma relação de uma vida inteira. Cega ainda recém-nascida, começou a frequentar o instituto aos 3 anos, no jardim de infância. “Nós fazíamos trabalhos lúdicos para estimular sentidos, principalmente o tato, para nos prepararmos para o braille”, lembra. Ao término do ensino fundamental, precisou enfrentar o Ensino Médio em um colégio regular. “No Pedro II tive professores muito dispostos a ajudar. Davam aulas



Uma das bibliotecas do Benjamin Constant oferece vários exemplares de audiolivros

extras e passavam conteúdos de formas mais visuais”, conta Rachel.

Em 2012, após o doutorado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense, voltou ao Benjamin Constant, com a gratidão de retribuir tudo o que recebeu ali. Hoje, como professora, se dedica a ensinar o braille para adultos com deficiência visual, através do “Reabilitando” - uma das frentes do instituto que auxilia cegos a se adaptarem à nova realidade. Sua fala mansa e tímida revela a paixão que tem pela educação. “Cada um tem suas questões, mas ter força de vontade é o principal para aprender”, ressalta. “Minha maior satisfação é ver um aluno dedicado, que se esforça e consegue alcançar seus objetivos”, completa.

É o caso de Sheila da Costa Mourão, de 68 anos. Quem a conhece agora nem imagina que ela já teve depressão.



Professora Rachel foi uma das responsáveis pela alfabetização da Sheila

Animada, a ex-motorista de ônibus ficou cega aos 50 por conta de um AVC. “Fiquei cinco anos na escuridão: tinha medo de sair sozinha, não lia e nem fazia nada. Foi horrível”, relata. Até que, por acaso, conheceu o IBC e foi encaminhada para o Reabilitando. “O braile foi o que eu quis aprender primeiro. Para mim, foi a melhor coisa. Todo lugar que vou, pergunto se tem material em braile.”

No instituto, a ex-motorista se tornou cantora. A rouquidão da voz esconde o suave agudo que consegue atingir como soprano. Tudo começou há cinco anos, quando aprendeu técnicas de canto. “Um dia, andando pelo Benjamin Constant, ouvi o coral e fiquei encantada. Passei a fazer parte do grupo”. Atualmente, ela integra o Sydney Marzullo, coral formado por cegos. “Cantar é a minha nova profissão. Entrei nesse conjunto, que é remunerado, e meus dias são bem mais alegres. Vamos a muitos lugares e até viajamos. Este ano, vamos representar o Rio de Janeiro em um encontro em São Paulo”, diz.

Contrariando os estereótipos, Sheila é independente. Moradora de Magé, na Baixada Fluminense, vai ao Rio, frequenta teatros, restaurantes e viaja sem contar com a ajuda de ninguém. Mãe de três filhos, confessa que eles ficam preocupados, mas que não deixa de se divertir. “Não me privo de nada pelos outros. Viver não é errado e fazer o que faço me motiva e pode incentivar outras pessoas a serem mais fortes”,

O PAPEL DA TECNOLOGIA

orgulha-se.

Com a evolução da tecnologia, foram criados programas com o objetivo de trazer as pessoas para a modernidade. Eles possibilitam a leitura de telas de computadores e celulares e, também, de textos e livros. Alguns dos mais usados é o Daisy (Sistema de Informação Acessível Digital, em português), que inclusive possui reconhecimento por parte do Ministério da Educação; o DosVox, um sistema operacional desenvolvido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, que utiliza comandos de teclado e voz para realizar as tarefas na informática, e os sistemas de leitura de tela dos celulares, como o Talk Back, no Android, e o Voice Over, que já vêm integrado ao iOS.

Para a professora Maria da Glória, as tecnologias podem contribuir para um fenômeno chamado de “desbrailezação”. “Antes, nós éramos meros ouvintes e o braile nos deu a capacidade de nos comunicar por meio da leitura e escrita. E, agora, parece que querem fazer isso de novo. Não nego a importância da modernização, mas é preciso ter em mente que os recursos devem se somar



Aparelho que aumenta as palavras dos livros, possibilitando que pessoas com baixa visão possam ler normalmente

SERVIÇO

Instituto Benjamin Constant
Avenida Pasteur, 350 / 368 - Urca
Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 3478-4442
www.ibc.gov.br

Quem acha que só profissionais podem ajudar pessoas com deficiência visual, está enganado! Conheça algumas dicas para lidar com elas:

- Quando andar com uma pessoa cega, deixe que ela segure em seu braço e não o contrário;
- Ao almoçar com um cego, ofereça ajuda para cortar os alimentos;
- Se quiser ajudar um cego a atravessar a rua, pergunte-lhe antes se precisa de auxílio. Em caso positivo, atravesse-o em linha reta;
- Se a pessoa cega precisar de ajuda para se sentar, apoie seu braço no encosto da cadeira ou sofá;
- Ao perceber pequenos desajustes em sua aparência, como roupas pelo avesso e zíper aberto, avise discretamente;
- Ao dar orientações de localização, use os termos “direita” e “esquerda” e nunca “ali” ou “lá”;
- Se você vive com alguém com deficiência visual, deixe as portas totalmente abertas ou fechadas. Caso troque a mobília de lugar, avise-o;
- Não evite falar as palavras “olhar”, “ver” e “cego” - você pode usá-las sem receio.



Do nordeste para o mundo

Literatura de Cordel se fortalece ao receber título de patrimônio cultural brasileiro pelo Iphan

por **Daniel Almeida**

O cordel é um dos mais tradicionais e populares gêneros literários que existem. Há quem diga que as primeiras aparições se deram na época dos povos conquistadores, como os greco-romanos, fenícios e saxões. Contudo, somente por volta do século XVI chegou à Península Ibérica, com maior influência em Portugal e na Espanha. Em outros tempos, era chamada pelos espanhóis de *pliegos sueltos*, já pelos portugueses de folhas soltas ou volantes. O objetivo era contar histórias das populações através de pequenas rimas, e os encarregados por isso eram os trovadores, artistas que cantavam esses versos.

A chegada ao Brasil aconteceu durante o período colonial, em meados do século XVIII. A porta de entrada no país foi a Bahia, mais especificamente em Salvador, mas não demorou muito para que conquistasse todo o território nordestino. Aqui, foi batizada como literatura de cordel devido à tradição do povo português de exibir seus versos em barbantes e cordas, também conhecidas como cordéis, daí o nome.

Entretanto, mesmo com tanto tempo de existência, somente neste ano o cordel foi reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como patrimônio cultural e imaterial do país. O título foi recebido após um pedido pessoalmente feito pelo cordelista Gonçalo Ferreira da Silva, de 81 anos, que enviou os seguintes versos ao instituto. “Nós membros da academia/ Da cultura guardiã /Solicitamos ao Iphan/ Que veja com simpatia /Nossa eterna poesia /Como histórico documento/ E neste requerimento/ De conteúdo fiel/ Pedimos para o cordel/ Seu registro de tombamento”.

A academia citada no trecho por Gonçalo é a ABLC, Academia Brasileira de Literatura de Cordel, da qual é fundador e presidente. A instituição, que acaba de completar 30 anos de existência, surgiu da necessidade de um órgão que direcionasse sua antiga paixão. “Ela nasceu em um momento difícil para os admiradores dessa literatura. A morte de João Martins de Athayde, um dos maiores editores do país, deixou um vácuo doloroso por bastante tempo. Alguns estudiosos chegaram a considerar o cordel morto”, conta.

Mas, engana-se quem pensa que cordel é coisa passada. Dentre o grandioso trabalho da ABLC, além de fomentar a leitura e a preservação, está a busca pela constante renovação do gênero por meio de novos autores e assuntos. Acadêmico dono de uma das 40 cadeiras do órgão, Ivamberto de Oliveira, de 68 anos, é um dos que ilustram essa situação. “Falo muito sobre temas que merecem reflexão, como racismo e deficiências físicas. Tento escrever outras coisas, mas esse acaba sendo meu ponto mais forte”, esclarece.

Por serem rimados, os cordéis exigem uma fina regra métrica. Dentre os estilos estão a quadra - uma estrofe de quatro versos; sextilha - com seis versos;

Em 1988, Gonçalo fundou a Academia responsável por manter a tradição cordelista



Flavia Espíndola/Jornal da PUC

“ Fiz um trabalho internacional, levando o cordel a outras partes do mundo e, assim, eu trouxe o mundo à academia ”

Sediada no bairro de Santa Teresa, na Zona Central da cidade, a ABLC mantém cordelotecas em todo o território nacional e, devido a seu importante papel, também foi reconhecida pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) com a Medalha Tiradentes, honraria dada a pessoas e instituições prestadoras de serviços relevantes para as causas públicas do estado. “Independentemente de qualquer reconhecimento, o cordel, por si só, já seria um patrimônio para a humanidade por sua tradição. Mas, ainda assim, esses títulos nos trazem um peso extremamente importante. Nos tornamos uma academia de amplitude nacional”, comemora Gonçalo.

septilha - com sete, é a mais rara; oitava - com oito; quadrão - rima os três primeiros versos entre si, o quarto com o oitavo e o quinto com o sexto e o sétimo; décima, com dez; e diversos outros. “A sextilha é mais comum de se encontrar. Cada um tem regras e formas diferentes de leitura, mas todos têm técnica. O poeta geralmente não escolhe um estilo, mas sim um momento para cada um deles”, explica José Salvador, cordelista cearense de 63 anos.



O brasão da ABLC é formado por figuras comuns na literatura de cordel

foto Daniel Almeida

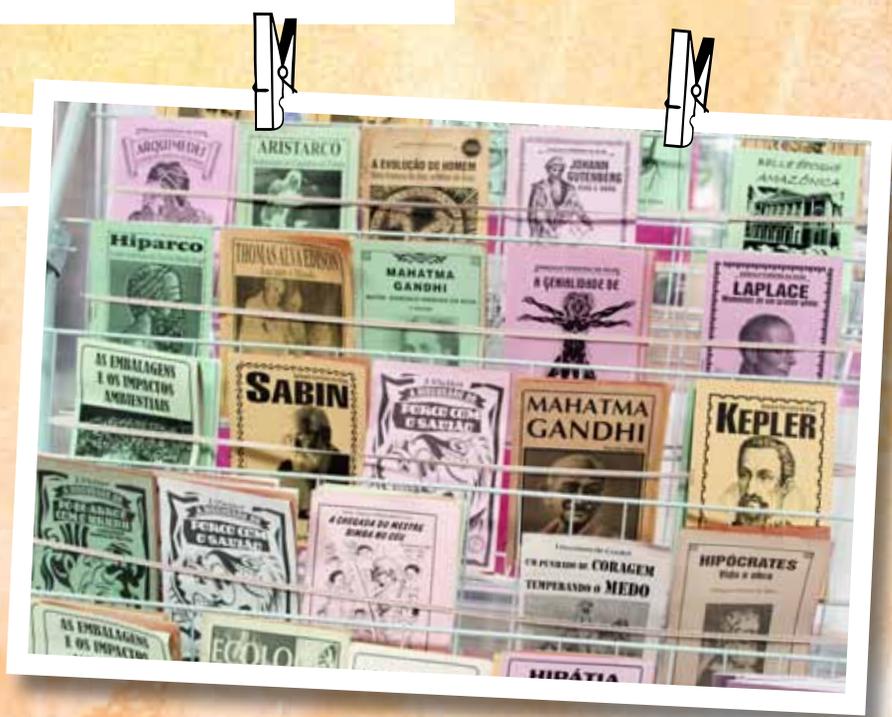


foto Daniel Almeida

Com reconhecimento do Iphan, literatura se renova e novos livretos abordam assuntos de relevância social. O acadêmico Ivamberto, à esquerda, garante que não irá parar de escrever por amor ao cordel

Como forma de incentivo, muitos cordelistas oferecem palestras e oficinas escolares para a população mais jovem. Mas, apesar da crescente busca por esse tipo textual após os anos 2000, ainda é um desafio para os autores sobreviverem de suas criações, provável reflexo de um cenário cultural pouco valorizado. “Nasci no interior da Paraíba. Quando era criança, meu pai trabalhava em uma feira e, em sua barraca, sempre se apresentava um cantador de cordel. Isso fez com que eu sempre fosse ligado à cultura popular nordestina. Mas infelizmente os cordelistas não costumam viver de suas criações”, Ivamberto complementa.

Também acadêmico, Isael de Oliveira, de 56 anos, é cordelista há 17 deles, mas descobriu seu interesse literário ainda criança. “Sempre escrevi, mas meu primeiro cordel foi inspirado no ataque às torres gêmeas. De início fiquei decepcionado pela falta de técnica, foi quando entrei na academia e me especializei”, diz. A respeito dos temas que aborda, Isael é conciso: “Escrevo qualquer coisa. Atualidades, política, lendas, contos infantis e também recebo encomendas de apaixonados que querem se declarar em forma de versinhos”, destaca o autor, que vende suas obras em uma barraca na Feira de São Cristóvão.

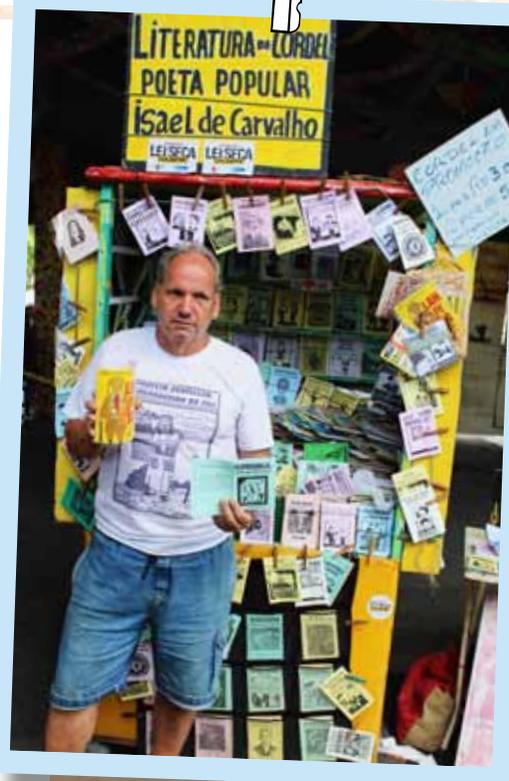
Uma das características mais marcantes dos cordéis são as xilografuras, que se fazem presentes em grande parte dos livretos. A técnica é originária da China e consiste em talhar desenhos na madeira. Por muito tempo, esses

desenhos não eram tratados como arte pela maioria das pessoas, já os cordelistas pensavam diferente e viram neles a oportunidade de estampar suas criações por um baixo custo. O resultado, transferido para as capas dos cordéis, retrata elementos do sertão nordestino como cactos, cangaceiros, gado e muitos outros.

Xilógrafo há 35 anos, Erivaldo Ferreira é um dos mais conhecidos profissionais da área no Rio de Janeiro. “Comecei ilustrando

“Escrevo qualquer coisa. Atualidades, política, lendas, contos infantis e também recebo encomendas de apaixonados que querem se declarar em forma de versinhos”

as obras do meu pai, que também era um cordelista. Com o tempo conheci outros poetas e, consequentemente recebi encomendas. Hoje vivo disso”, relata. Erivaldo também opina sobre o título concedido pelo Iphan. “Traz à tona a história do cordel, para que os mais jovens entendam a origem do país e saibam que temos uma literatura genuinamente brasileira”.



Isael escreve há 17 anos e comercializa seus livretos na Feira de São Cristóvão

A difusão dessa literatura foi um fator primordial para seu reconhecimento. Gonçalves salienta que pesquisadores estrangeiros também se interessam pelo assunto, geralmente citado em teses de doutorado. “Por um tempo, a abordagem científica tinha uma lacuna. Hoje em dia, recebemos muitas visitas de estudantes e pesquisadores de diversos lugares. Fiz um trabalho internacional, levando o cordel a outras partes do mundo e, assim, eu trouxe o mundo à academia”.

Com todos os seus desafios, a tradição do cordel é, de fato, a paixão de seus autores. Ivamberto garante que parar de escrever está fora de cogitação. “Essa tradição se mantém pelo valor que nossa cultura possui. Não sinto vontade de parar. Tudo que tem raiz é fortalecido e, por amor, o cordel continua vivo”. ■



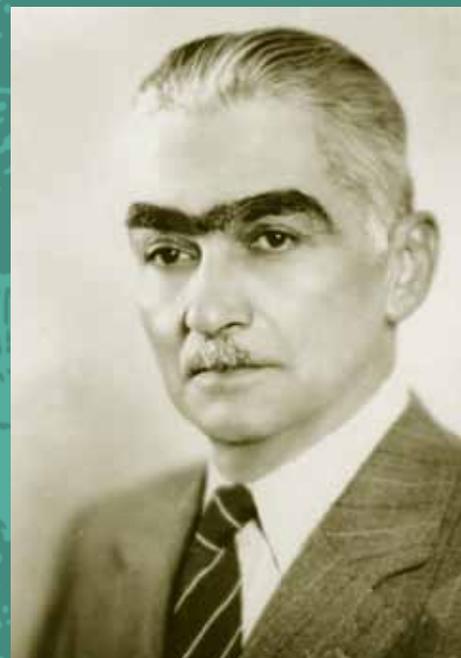
O xilógrafo Erivaldo é responsável por criar desenhos que estampam capas de cordéis

SERVIÇO

Academia Brasileira de Literatura de Cordel
R. Leopoldo Fróes, 37 – Santa Teresa
Rio de Janeiro – RJ
Te.: (21) 2232-4801 ou 2221-1077
www.ablc.com.br

URUPÊS

Crônicas de um Brasil profundo



“Um país se faz com homens e livros”, um dos axiomas criados por Monteiro Lobato

Há 100 anos Monteiro Lobato tirava o Jeca dos grotões em Urupês

por **Luiz Augusto Erthal**

As novas gerações, que só foram apresentadas à obra infantil de Monteiro Lobato, desconhecem a riqueza literária da produção do escritor paulista que antecede o Sítio do Pica-pau Amarelo e seus personagens. Bem antes de Pedrinho, Narizinho e Emília nascerem, entretecidos por Dona Benta e tia Nastácia, e instruídos na proverbial sabedoria do Visconde de Sabugosa, ele chocaria o país ao inaugurar a senda do regionalismo realista na literatura brasileira.

Urupês, que completou cem anos de seu lançamento em 2018, foi a obra de estreia de Lobato e também um cartão de visitas revelador do talento e da coragem que o guindariam não

só ao cânone literário, mas ao ateliê dos escultores da identidade nacional. A partir daquele momento a carreira do advogado de Taubaté e, mais tarde, do fazendeiro da Vila de Buquira (hoje a cidade de Monteiro Lobato) tomaria um rumo indissociável dos livros e do empreendedorismo, alimentada pelos sonhos desenvolvimentista e evolutivo do Brasil.

Como escritor, Monteiro Lobato expressou em seus primeiros livros o inconformismo com o atraso civilizatório do país. Ao ocupar a promotoria de Taubaté e, mais tarde, ao assumir o comando da Fazenda Buquira, herdada de seu avô, o Visconde de Tremembé, ele montou postos de observação da vida rural brasileira, transformada em pano

de fundo de suas obras iniciais, como *Urupês* e *Cidades Mortas*.

Em *Urupês* o escritor apresentou ao Brasil o Jeca Tatu, um estereótipo do caboclo da época, condenado ao atraso e à ignorância por uma sociedade segregada em castas praticamente incomunicáveis, separadas pelo hiato cultural e econômico, cuja superação ainda não foi plenamente alcançada após uma centena de anos da criação do personagem.

Jeca Tatu era o oposto do índio e do caipira idealizados pelo Romantismo. Descrito pelo escritor quase sempre em sua posição habitual, que para Lobato traduzia um caráter indolente e preguiçoso, ele passava horas acocorado, pitando um cigarro de palha no canto da boca. O que mais alegrava a sua vida enfadada era apreciar as queimadas por ele mesmo produzidas, hábito que levou seu criador a denominá-lo de “fazedor de desertos” no artigo *Velha Praga*, acrescentado na segunda edição como capítulo adicional aos 13 contos e artigos que compõem o livro.

Urupês – uma espécie de cogumelo que brota na madeira podre – é o título de um desses artigos e traz, pela primeira vez, a descrição desgraciosa do Jeca Tatu:

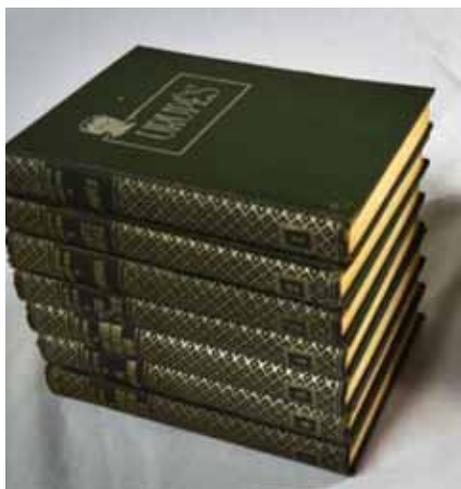
“A verdade nua manda dizer que entre as raças de variado matiz, formadoras da nacionalidade e metidas entre o estrangeiro recente e o aborígene de tabuinha em beijo, uma existe a vegetar de cócoras, incapaz de evolução, impenetrável ao progresso. Feia e sorna, nada a põe de pé. Pobre Jeca Tatu! Como é bonito no romance e feio na realidade! Jeca Tatu é um Piraquara do Paraíba, maravilhoso epitome de carne onde se resumem todas as características da espécie. O fato mais importante da vida do Jeca é votar no governo. (...) O caboclo é soturno. Não canta senão rezas lúgubres. Não dança senão o cateretê aladainhado. O caboclo é o sombrio Urupê de pau podre a modorrar silencioso no recesso das grotas.”

São indisfarçáveis os indícios de teorias hoje rejeitadas, como a eugenia, presentes igualmente na obra de outro grande escritor social que o antecedeu – Euclides da Cunha. Eram, afinal, homens do seu tempo, mas até hoje esse viés, assim como alegadas manifestações de racismo, envolvem em polêmica a obra de Monteiro Lobato. No entanto, mesmo pertencendo à aristocracia rural, Lobato sonhava com a superação do atraso social brasileiro.

Para o presidente da Academia Brasileira de Letras, Marco Lucchesi, *Urupês* lança luzes para se repensar o Brasil, buscando um novo caminho na direção do desenvolvimento:

“É um livro que reúne as melhores sinergias de Monteiro Lobato. Um novo percurso e uma proposta para alcançar uma ideia de Brasil.” ■

foto Luiz Augusto Erthal



Urupês é considerado a obra-prima da literatura adulta de Monteiro Lobato



O Palacete São Paulo (à direita, na foto) abrigou a editora fundada pelo escritor

Um marco do setor editorial brasileiro

Para além de ter sido o seu livro de estreia, em *Urupês* Monteiro Lobato inauguraria uma importante carreira como editor. À frente da Companhia Editora Nacional, que chegou a ser a maior empresa nacional do setor, ele estabeleceria um marco no mercado editorial brasileiro, que iria se modernizar e popularizar mais o hábito da leitura em uma nação iletrada e fortemente acometida pelo mal da ignorância. “Um país se faz com homens e livros”, era uma de suas máximas, transformada em um dos principais axiomas desenvolvimentistas.

O caráter empreendedor de Lobato está presente em todas as fases da sua vida. Ainda bem jovem, a par dos estudos na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, e da colaboração para diversos periódicos, ele iria se aventurar em diversas atividades empresariais, desde a criação de uma fábrica de geleias até a participação em negócios do setor ferroviário. Ao assumir o comando da Fazenda Buquira, após a morte do avô, fundou, com os recursos oriundos da herança, um externato em Taubaté e decidiu também explorar comercialmente o Viaduto do Chá.

A região central de São Paulo foi o palco dos seus primeiros anos como editor. Em 1918 ele comprou a Revista do Brasil, engajando-se nas causas nacionalistas, e logo em seguida abriu a Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato, que iria se transformar mais tarde na Companhia Editora Nacional. A empresa ocuparia, em seu apogeu, o primeiro andar no número 34 da Praça



Lobato (no alto da foto) fundou companhias petrolíferas e enfrentou interesses poderosos

da Sé, no recém construído edifício denominado Palacete São Paulo, até hoje um dos mais antigos prédios paulistanos. O prédio seria, mais tarde, transferido para o patrimônio do governo paulista. Curiosamente, é onde hoje funciona a Universidade do Livro, criada pela UNESP para oferecer cursos livres sobre toda a cadeia produtiva e comercial do livro.

Lobato publicou livros que iriam se notabilizar pela qualidade editorial e a excelência das ilustrações. Ele também deu vazão à sua faceta de tradutor, vertendo importantes obras estrangeiras para o português. Ainda como editor, incentivou, em suas publicações, a exploração nacional do petróleo brasileiro, bandeira que empunhou não só no discurso, mas também na prática. Fundou várias companhias petrolíferas e enfrentou poderosos interesses econômicos, que defendiam a exploração do petróleo brasileiro por empresas estrangeiras.



Divulgação



Biblioteca Parque de Manguinhos

Com o objetivo de facilitar o acesso à leitura, o espaço atende a 16 comunidades da Zona Norte do Rio, em um complexo multifuncional que inaugurou o conceito de biblioteca parque no estado. O espaço conta com um acervo de mais de 30 mil títulos. Além da exibição de filmes, oferece diversas atividades culturais em seus dois salões, nas salas de estudo, na filмотeca e na ludoteca. Abre ainda a sala Meu Bairro para reuniões dos moradores.

SERVIÇO

Av. Dom Hélder Câmara, 1184 - Benfica, Rio de Janeiro - RJ

Horário: Segunda a sexta, das 10h às 17h

Tel.: (21) 99384-3977

[facebook.com/bibliotecaparquemanguinhos](https://www.facebook.com/bibliotecaparquemanguinhos)
[instagram.com/bibliotecaparquemanguinhos](https://www.instagram.com/bibliotecaparquemanguinhos)

Instituto Conselheiro Macedo Soares

O semi-internato para meninas de 4 a 12 anos propõe orientação pedagógica, psicológica e atendimento médico, além de reforço escolar e refeições no período do dia em que as crianças não estejam na escola, contanto que

suas mães estejam trabalhando. “Procuramos voluntários que possam ensinar matérias escolares e informática”, diz Josemar Silva, líder na instituição. Interessados em colaborar com o projeto devem marcar uma entrevista através do e-mail e escolher um dia por semana para o trabalho filantrópico.

SERVIÇO

Rua Aquidabã, 540 - Lins de Vasconcelos, Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (21) 2269-0597 (Josemar Silva)

E-mail: icmacedosoares@gmail.com

Divulgação



Grupo Zanzar

O grupo de música e dança Zanzar reúne músicos e brincantes que se apresentam em diversos espaços da cidade do Rio. Os ritmos brasileiros, como coco, jongo, carimbó, cavalo-marinho, maracatu, cirandas e frevo são trabalhados nas exposições, assim como em uma Roda de Coco aberta todos os meses nos Arcos da Lapa, e em uma Oficina de Danças Populares, feita semanalmente no Circo Voador. Realizam também oficina de danças populares, sempre às segundas-feiras, às 18h30, no Circo Voador.

SERVIÇO

[facebook.com/grupozanzar](https://www.facebook.com/grupozanzar)

Tel.: (21) 99366-8387 (Claudia Montelaje)

E-mail: grupozanzar.popular@gmail.com



Divulgação

Instituto Emarca de Pesquisa e Educação Profissional

O projeto funciona como oficina de leitura para crianças moradoras de comunidades carentes. Os voluntários são convidados a contar histórias e trabalhar a expressão dos pequenos. Além disso, também são oferecidas aulas de inglês e espanhol e biblioteca comunitária.

SERVIÇO

Praça Carmela Dutra, 01 - São Cristóvão, Rio de Janeiro - RJ

institutoemarca.net

Horário: Terça-feira a domingo, de 10h às 19h

Cultura em Varre-Sai

Localizado no Largo da Igreja São Sebastião, o Casarão da Cultura de Varre-Sai conta a história da cidade a partir de fotos e objetos das famílias pioneiras. O espaço fica na antiga residência de Felicíssimo Faria Salgado, primeiro fazendeiro da região, e traz informações sobre a imigração italiana, a economia cafeeira e, ainda, a origem do nome peculiar. Além disso, a Sala Baden Powell dispõe de discos, objetos pessoais e fotos desse violinista, um dos maiores do país.

SERVIÇO

Rua Felicíssimo Faria Salgado, 16 - Centro, Varre-Sai - RJ



Cinema na Rocinha

A Biblioteca Parque da Rocinha oferece várias opções de lazer aos moradores, entre elas, a exibição de curtas e filmes. O Cine Pipoca é voltado especialmente para as crianças e acontece às quintas-feiras, às 14h. Todos ganham um saquinho de pipoca enquanto se divertem assistindo aos sucessos na telona. Já quinzenalmente, também às quintas, às 19h, é a vez dos jovens e adultos se entreterem. No Cine Rocinha, sempre são exibidos produções nacionais e, no final de cada sessão, é sorteado um jantar para duas pessoas.

SERVIÇO

Biblioteca Parque da Rocinha
Estrada da Gávea, 454 - Rocinha,
Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 2334-7097

Cine Pipoca: toda quinta-feira, às 14h

Cine Rocinha: duas quintas-feiras por mês, às 19h.

Entrada Gratuita



Nós no Morro

Criado em 1986 pelo jornalista e ator Gutí Fraga no Morro do Vidigal, o projeto tem o objetivo de facilitar o acesso dos moradores à cultura e arte. A iniciativa oferece cursos de formação nas áreas de teatro (atores e técnicos) e cinema (roteiristas, diretores e técnicos) para alunos de dentro e de fora da comunidade.

SERVIÇO

R. Dr. Olinto de Magalhães, 54 - Vidigal,
Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 97628-4616

Projeto Ruas

Desde 2014, a iniciativa promove bem-estar e cidadania para pessoas que se encontram em situação de rua através de ações de saúde, arte, cultura e tecnologia, além de capacitação profissional, terapias e reconexão familiar.



SERVIÇO

projetoruas.org.br
E-mail: contato@projetoruas.org.br
O Ruas aceita doações e oferece programa de voluntariado



Espaço Cultural da Grota

Organização sem fins lucrativos presente na comunidade da Grota do Surucucu em São Francisco, cidade de Niterói. Através de atividades envolvendo música, arte, cultura e educação, buscam auxiliar jovens e crianças da comunidade a desenvolverem suas habilidades e ampliarem suas referências culturais.

SERVIÇO

Rua Otto Bastos, 23 - Pendotiba - Niterói - RJ.
Tel.: (21) 97628-4616

Pedalandando por um trânsito melhor

Embora andar de bicicleta não seja uma prática nova, o meio tem recebido cada vez mais a atenção de órgãos públicos

por **Helen Lugarinho**

De uns anos para cá, é inegável o aumento da circulação de bicicletas nas ruas brasileiras. O objeto, que sempre foi o presente dos sonhos para a maioria das crianças, agora se tornou um meio de transporte bastante utilizado nas grandes e pequenas cidades. Estudo realizado pelo Sistema de Informações da Mobilidade Urbana (Simu) e divulgado pela Associação Nacional de Transportes Públicos (ANTP) aponta que, em dez anos, o uso das magrelas no país dobrou: se em 2004, as viagens totalizavam 1,3 bilhão, em 2014, esse número passou a representar 2,6 bilhões dos trajetos. Os dados revelam a preocupação cada vez maior que os poderes públicos têm em desafogar o trânsito, sobretudo nos grandes centros.

Na cidade que lidera o ranking de pior congestionamento do país, Niterói, Região Metropolitana do Rio, a estatística não é diferente: entre o quarto trimestre de 2016 e o mesmo período no ano seguinte, o crescimento na utilização do modal foi de 61,96%, segundo dados do relatório divulgado pelo site Mobilidade Niterói. Embora as bicicletas venham ganhando

cada vez mais espaço, contribuindo para a melhoria dos constantes engarrafamentos, a segurança dos ciclistas ainda não é ideal.

O universitário Ramón Lacerda, natural de Salvador, faz parte desse grupo há um ano e meio, motivado principalmente pela questão ambiental e pela economia de dinheiro. Durante esse tempo, não foram poucas situações de risco pelas quais passou: batidas de ombro em ônibus, quedas, atropelamento e até ameaças seguem o estudante pelos caminhos por onde pedala. Para ele, isso acontece devido à falta de informação.

“A prefeitura poderia investir ainda mais em políticas de conscientização. As ciclofaixas são apenas pintadas e, na maioria das vezes, estão apagadas por causa do tempo. Por isso, muitos motoristas utilizam a via destinada aos ciclistas como estacionamento ou como passagem mesmo”, relata. “Isso acontece ou porque as pessoas não sabem para que serve a área delimitada ou porque, se utilizarem, sabem que não serão punidas”, critica.

Em novembro do ano passado, o universitário sofreu um acidente por

causa do descaso que muitos motoristas têm com os ciclistas. “Eu estava pedalandando na ciclofaixa e uma moto me atropelou. O pior de tudo foi ter sido deixado no chão e o motociclista ter fugido sem nem prestar socorro”, conta. O resultado? Lesões de média gravidade na perna e no pé direito, além de danos na bicicleta. “É muito assustador saber que isso acontece com várias pessoas todos os dias”, comenta.

Felizmente, os riscos passados por Verônica Alonso, de 26 anos e ciclista há dez, sempre ficaram no “quase”: por pouco nunca caiu e nem foi atropelada. A professora também tem um carro, utilizado apenas para emergências, já que, para ela, mesmo que os perigos sejam constantes, a bicicleta é o melhor meio de transporte: “menos poluente, traz mais benefícios à saúde, mais barato e, muitas vezes, mais rápido”, define. “Apesar de nunca ter sofrido um acidente, percebo que os motoristas e até os pedestres não entendem a importância da ciclofaixa. Então, acho que ainda falta mais incentivo da cidade, sinalizações, vias exclusivas e informação”, ressalta a professora.

Com o objetivo de mudar essa



fotos Helen Lugarinho

Uma das rotas mais traçadas por Verônica é o calçadão da praia de Icaraí. Lá, ciclistas e pedestres dividem o espaço harmonicamente

realidade e incentivar cada vez mais o uso das bicicletas, a prefeitura criou o programa Niterói de Bicicleta, em 2013. A iniciativa é estruturada em dois pilares: um de infraestrutura, que abrange ações relacionadas ao planejamento necessário para a locomoção e o estacionamento de bicicletas; e o segundo, cultural-educativo, cuja finalidade é promover ações de estímulo e de conscientização sobre o uso de bicicletas.

Felipe Simões, assistente de projetos do programa, explica que não é possível especificar o número exato de ciclistas, mas que o volume de pessoas que utilizam as bicicletas definitivamente aumentou. “A gente estima que, entre 2015 e 2017, as principais ciclovias, que são na Avenida Amaral Peixoto e na Avenida Roberto da Silveira, tiveram um aumento de 49% e 69% do fluxo de ciclistas”, conta.

Atualmente, Niterói oferece 446 vagas no bicicletário, localizado no Centro, e mais 1500 espaços nas ruas. Segundo o assistente, isso gerou uma ampliação de 50% na circulação das magrelas pela cidade. “Mesmo que não abra rotas, a extensão desses espaços colabora para a demanda dos ciclistas”, destaca. Além disso,

o município dispõe de 40 quilômetros de malha cicloviária e totens para pequenos reparos espalhados pelas vias. Nos próximos anos, o programa pretende continuar promovendo o uso das bicicletas, através da implantação de uma infraestrutura cada vez maior e melhor para o município e da produção de eventos informativos. ■



Cruzamento onde Ramón foi atropelado: além do desrespeito dos motoristas, as ciclofaixas do local estão apagadas devido às intempéries

DICAS



O site **Respeite um Carro a Menos** listou uma série de orientações para quem deseja se locomover por meio das bicicletas e, também, para motoristas que precisam respeitar e dividir o trânsito com os ciclistas.

DICAS PARA CICLISTAS:

- Use sempre o capacete;
- Pedale por rotas mais seguras: opte por vias com menos carros, ainda que o caminho seja mais longo;
- Evite passar pelas calçadas: esses espaços pertencem aos pedestres e, se precisar utilizá-los, caminhe com sua bicicleta;
- Sinalize com as mãos quando for virar: como a bicicleta não possui setas avise quando precisar mudar de direção;
- Não ande na contramão: pedale no mesmo sentido dos carros para evitar acidentes;
- Cuidado com os cruzamentos;
- Não divida a pista com veículos grandes: ônibus e caminhões têm muitos pontos cegos, que podem atrapalhar a visão do motorista;
- Não ande entre os carros: muitas vezes, motociclistas fazem esse caminho e podem se envolver em acidentes.

DICAS PARA MOTORISTAS:

- Mantenha uma distância segura das bicicletas. Segundo o Código de Trânsito Brasileiro, 1,5 metro é o ideal;
- Preste atenção na contramão: apesar de não ser indicado, muitos ciclistas ainda andam na direção contrária aos carros;
- Proteja os ciclistas: de acordo com o CTB, veículos maiores são sempre responsáveis pelos menores;
- Preste atenção nos cruzamentos;
- Tome cuidado ao abrir a porta do carro;
- Fique atento aos sinais dos ciclistas: eles utilizam os braços para mostrar qual rumo vão tomar;
- Não passe ou não estacione seu carro na ciclofaixa.

Cantinho de avó

para as crianças da Cidade de Deus

*Mulheres e filhos
reúnem-se em espaço de apoio
da Casa da Dona Amélia*

por **Ana Luísa Vasconcellos**

Algumas ruas depois da entrada principal da Cidade de Deus, uma das comunidades mais violentas na Zona Oeste do Rio, as crianças gritam enquanto jogam futebol em um campo improvisado na praça. Nesse mesmo espaço, os muros da Casa da Dona Amélia pouco revelam o que está por detrás: um espaço destinado ao trabalho social de Ingrid Siss, neta de dona Amélia, iniciado há mais de um ano. Abrindo o portão preto, pode-se ver a sala onde se reúnem em roda as mulheres que fazem parte da rede de apoio às mães e seus filhos, em um espaço de troca de experiências e brincadeiras de criança.

Com 25 anos, Ingrid Siss é formada em psicologia e gere o projeto que criou no espaço que havia sido casa dos seus avós. Foi no final da faculdade que surgiu

a ideia de trabalhar com gestantes e crianças, quando recebeu uma doação de enxovais de bebê. Após o falecimento de dona Amélia, a casa na Cidade de Deus foi deixada para a neta, que decidiu iniciar ali um projeto junto às memórias afetivas de sua infância. Ingrid diz que aprendeu mais com a avó do que na faculdade: “Minha avó foi a pessoa que mais me ensinou psicologia na vida. Foi quem me ensinou a ter afeto, contato, a pensar e a cuidar dos outros. Quando me formei, tive a necessidade de usar o que aprendi para ajudar as pessoas desse lugar que significou tanto para mim”, recorda.

Na casa, a proposta para crianças é simples: brincar. Com um cantinho de leitura, cheio de livros infantis, e um tatame no chão, elas são convidadas a um espaço lúdico e de socialização com

os colegas. Para os pequenos, a Casa da Dona Amélia ainda começou uma ação com padrinhos, que podem levá-los a passeios e ajudá-los a escrever o Livro da Vida. Atualmente, sete crianças participam do apadrinhamento, pensado como forma de construir memória e levado a frente por um grupo de voluntários. “A ideia é que eles possam abrir ainda mais suas perspectivas, conhecer outros lugares e colocar no livro o que sonham e pensam para o futuro. É interessante que daqui a alguns anos eles olhem e vejam o que sentiram nessa idade, registrando esse momento”, conta Ingrid.

A voluntária Thaís Nolasco, de 26 anos, organizou o grupo de madrinhas e padrinhos batizado de “Inventando História”. Ela conta que o projeto começou de forma despretensiosa, mas

atingiu um patamar de troca de muita importância para as crianças: “Tirá-las do contexto em que vivem e levá-las a outro nos mostra que elas têm uma alegria genuína com coisas simples. Foi gratificante ver as respostas que davam aos capítulos do livro, perceber que são extremamente inteligentes e podem chegar longe. Além disso, o ganho para elas foi a percepção de que têm alguém com quem conversar, e que cada um tem sua individualidade”, completa orgulhosa.

Grávida de cinco meses, Juliana Pires de Barros Alves, de 29 anos, tem cinco filhos e três deles já foram apadrinhados. Ela diz que todos ficam impacientes e ansiosos para o próximo encontro: “Meus filhos sempre querem saber o que vai acontecer, se haverá passeio ou se podem vir aqui. Você não pode falar nada, se não perguntam o tempo todo quando será e se já está perto. Ficam muito eufóricos e alvoroçados porque querem que chegue logo. Eles são fãs”, relata.

Não é incomum as crianças entrarem sem bater, querendo brincar e saber qual é o novo evento que podem participar. No campo de futebol em frente, jogam e torcem animados, usando todas as energias. Aos sons da partida que acontece do lado de fora, as mães e gestantes discutem na sala a importância de ter um espaço seguro para as crianças dentro da Cidade de Deus, onde possam se distrair sem correr perigo. Todas concordam que ter uma casa para interação delas é uma ótima forma de mantê-las entretidas e a salvo.



Iasmim acredita que a rede de apoio que criou foi essencial para sua gravidez



Juliana afirma que seus filhos se encantaram pela proposta da Casa da Dona Amélia

Ao conversarem, as mulheres expõem desejos e propostas para os futuros trabalhos. Criado há pouco mais de um ano, o projeto tem sido essencial para construir uma rede de apoio entre elas, sejam as que esperam a chegada dos bebês ou as que já são mães. Realizada todas as semanas, a reunião de gestantes constitui um grupo fixo de conversa sobre temas como família, amigos, trabalho, empreendedorismo feminino, aspectos da gravidez e da criação dos filhos. Elas também recebem um *book* com fotos que marcam o final da gravidez, proporcionado por fotógrafos voluntários, além de enxoval para o bebê e outras doações que chegam.

Há outras ações para as mulheres que já foram postas em prática, como dias para cuidar de si, esportes para gestantes e até uma festa de encerramento com desfile de moda. Animada, Iasmim Baptista, de 19 anos, mostra às outras grávidas fotos do dia em que fez a pintura na barriga, quando esperava Jhonatan. Para ela, o grupo foi um apoio necessário: “Eu aprendi muita coisa. Mesmo não desejando ser mãe no momento, aconteceu. Quando eu engravidei, meus planos mudaram. Ele já vai fazer um ano”, conta.

As ideias de Ingrid saem do papel assim que ela consegue ajuda para levar os projetos à frente. Tudo é construído em grupo, de forma que as propostas façam sentido e estejam de acordo com as necessidades das mulheres e crianças que frequentam a casa. “As pessoas tomam conhecimento e se oferecem para fazer parte ou contribuir com alguma coisa. Acho que temos sorte porque até então tem aparecido muita gente para ajudar”, explica a psicóloga.



Ingrid Siss já comemora mais de um ano do projeto social que iniciou na casa da sua avó

A barriga ainda é discreta e Ingrid deixa para o final a novidade: ela agora é uma das mulheres grávidas da Casa da Dona Amélia, com três meses de gestação. As mulheres brincam, afirmando que têm culpa na gravidez. Ingrid nem discorda: “Realmente estar nesse ambiente influencia nosso lado materno. Aprendemos muito umas com as outras. Sinto que posso contribuir mais de uma forma diferente, agora não só como psicóloga, mas também com a minha experiência como mãe”, completa ■

SERVIÇO

Casa da Dona Amélia
Travessa Hazor, 22 - Cidade de Deus
Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 99636-6328

Mais Leitura, Mais Saúde

Projeto leva literatura a pacientes internados em hospitais do Estado do Rio de Janeiro

por **Ana Luísa Vasconcellos**

Enfermaria, ortopedia, UTI, setor de queimados, centro cirúrgico e... sala do Mais Leitura. No Hospital Estadual Vereador Melchiades Calazans, em Nilópolis, na Baixada Fluminense, os livros do Projeto Mais Leitura fazem parte do conjunto de elementos imprescindíveis para assegurar o tratamento humanizado de quem está internado. Com diversos títulos disponíveis para empréstimo, toda a comunidade do hospital usufrui de um ambiente de valorização da leitura e de aprendizado constante, enquanto os pacientes se recuperam.

Criada em 2015, fruto de parceria entre a Imprensa Oficial do Rio de Janeiro e a Secretaria estadual de Saúde, o Mais Leitura, Mais Saúde também vem surtindo efeito em pacientes de outros três hospitais públicos estaduais: o de Anchieta, o Getúlio Vargas e o Carlos Chagas. Nas quatro unidades foram criadas bibliotecas gratuitas, disponibilizando ao todo 2.500 livros que são oferecidos como parte do tratamento.

“Dentro da área emocional, principalmente de alguns pacientes que não têm condição de receber visita, a leitura auxilia no sentido de eles se perceberem importantes, valorizados e de poderem trocar. Assim, podem trazer questões e dar opiniões, o que proporciona uma valorização da autoestima deles, para que saiam daqui com uma visão mais ampla”, explicou a psicóloga Kátia Lanosa, de 51 anos, que também pega livros emprestados na unidade de Nilópolis.

Coordenadora do Mais Leitura, Vanêssa Geraldo, reconhece a importância de facilitar o acesso à cultura a pessoas que estão em processo de recuperação.



Duas vezes por semana, Gabriele circula pelo hospital oferecendo livros aos pacientes e colaboradores

“Ter a oportunidade de disponibilizar parte do nosso acervo em hospitais é muito gratificante, considerando que muitos pacientes precisam de entretenimento e acolhimento. É mais uma forma de o projeto cumprir sua missão”, enfatizou Vanêssa.

No Hospital Vereador Melchiades Calazans, o Mais Leitura, Mais Saúde funciona na ortopedia e no setor de queimados. Como muitos têm tempo de recuperação prolongado e costumam passar bastante tempo no leito – a maioria sem acompanhante –, os livros se tornam os grandes parceiros. Com longo período de recuperação pela frente após se queimar em um acidente doméstico, a paciente Fabiana Santos, de 24 anos, fica animada ao comentar sobre o livro que pegou na biblioteca do projeto.

“Foi na escola que li pela primeira vez. A professora estava nos ensinando e me pediu para ler a primeira

página. No começo, eu fui falando tudo errado. Ela me deu o livro da Mônica e, quando eu li a folha toda, ela me deu parabéns. Até hoje eu gosto muito de ler e escrever, mando cartas para todo mundo, do que vem do meu coração. Eu expesso tudo o que sinto sobre a pessoa, uso a escrita para mostrar meus sentimentos. Me traz felicidade poder ler e escrever”, relatou.

O hospital de Nilópolis foi inaugurado em junho de 2017 e passou por uma grande reforma ao lado da Organização Mahatma Gandhi, que mudou a estrutura e o perfil dos atendimentos. Hoje, realiza, em média, mais de 300 cirurgias por mês nos setores de ortopedia e de queimados. É a parceria com a Imprensa Oficial do Rio de Janeiro que garante que 140 títulos já estejam disponíveis na unidade, onde são colocados na Sala do Mais Leitura e catalogados, para que os leitores possam ter uma pequena sinopse do livro antes de fazerem o empréstimo.

Duas vezes por semana, a funcionária da ouvidoria Gabriele Ramos passa de leito em leito com o carrinho de livros. Lidar com eles em um ambiente hospitalar tem certas especificidades, como explica a gerente de qualidade da organização, Luciana Maria Costa: “Depois de devolvido, ele sofre um processo de quarentena e desinfecção de 40 dias e, só depois desse processo, que é



Fabiana aproveita a leitura enquanto se recupera no setor de queimados



Equipe de ouvidoria do hospital é encarregada de garantir que os títulos cheguem ao cotidiano dos pacientes



Kátia afirma que o entretenimento é importante para o psicológico dos pacientes

feito com luvas e álcool, pode voltar para estante”.

Além de fazer parte do ambiente de quem está internado, os livros ainda circulam nas mãos de toda a equipe médica, que pode levá-los para casa. Para a enfermeira Lizangela Sampaio, de 45 anos, o acesso à leitura se torna mais fácil e direto com o projeto.

“Para nós, que vivemos a área da saúde, é necessário ler para se atualizar sobre os temas. É sempre bom pegar um livro que tenha histórias que passam pelo que vivenciamos no nosso cotidiano e também para nos ajudar a distrair. A literatura para mim é tanto profissional quanto para entretenimento”.

Na unidade, o projeto chegou há

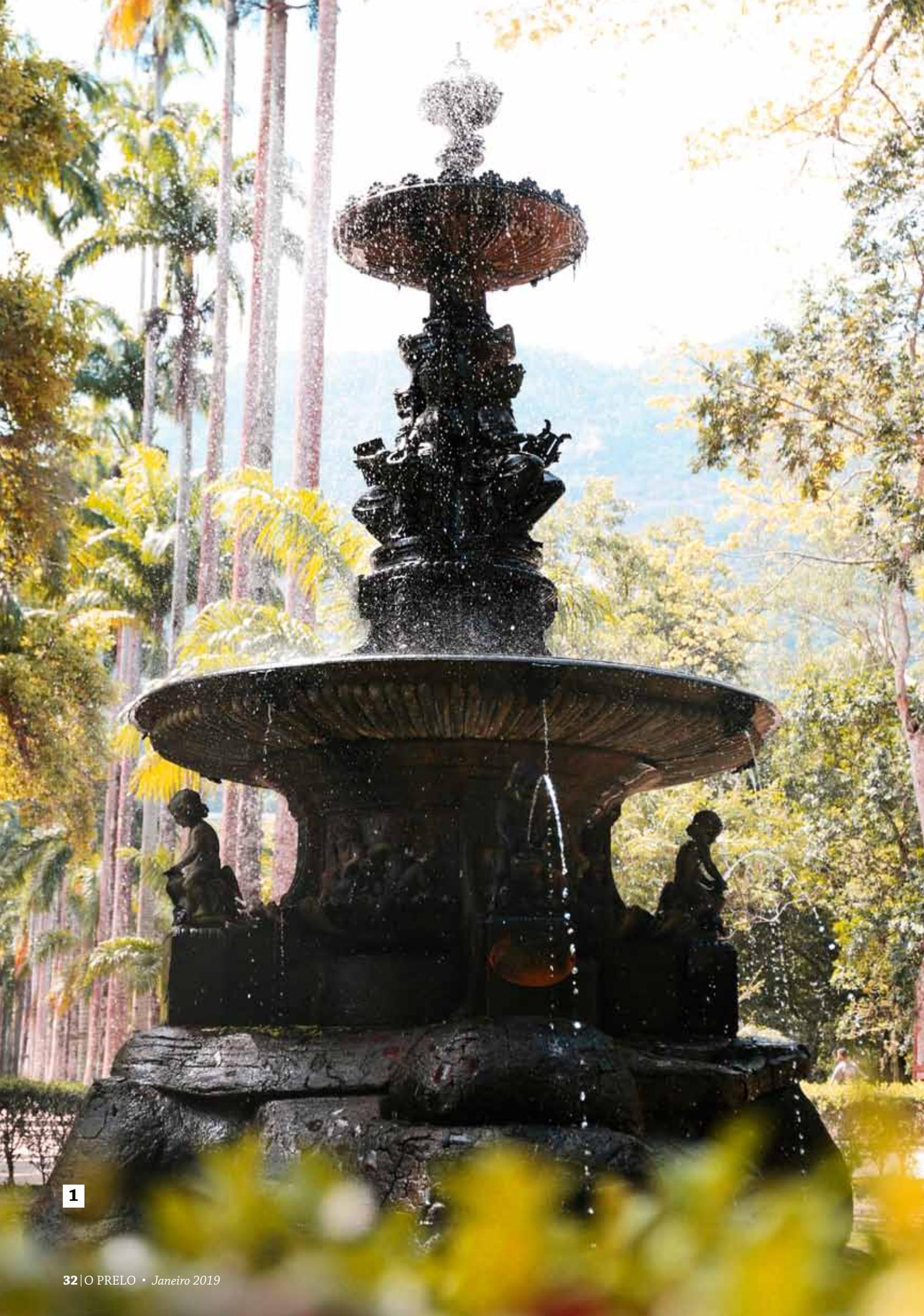


A enfermeira Lizangela utiliza o empréstimo de livros em momentos de lazer e de estudo

apenas cinco meses, mas a gerente de qualidade Luciana Maria Costa acredita que a adesão já é ampla e tende a aumentar. “Essa forma de terapia tem um bom engajamento, mesmo sendo muito nova. Já faz sucesso com os colaboradores, mas a participação é progressiva, costuma crescer quanto mais as pessoas sabem da existência dele. Nós, da equipe de qualidade de atendimento, pensamos a humanização do paciente e a integração do colaborador e queremos cada vez mais expandir esse projeto para outros hospitais”, planeja Luciana. ■

SERVIÇO

Hospital Estadual Vereador
Melchades Calazans
R. João de Castro, 1250 - Cabuís,
Nilópolis - RJ
Tel.: (21) 3761-1799
www.mahatmagandhi.rio.br/htobaixada-home/



1

210 anos de biodiversidade na Zona Sul carioca

Jardim Botânico do Rio é uma das mais antigas e importantes instituições de preservação ambiental do país

Criado em 1808, a partir de uma iniciativa do príncipe D. João VI, o Jardim Botânico do Rio de Janeiro (JBRJ) tinha o objetivo de aclimatar espécies vegetais de diversas partes do mundo. Em outros tempos, seu atual espaço de recreação infantil também serviu como instalação para uma fábrica de pólvora, que foi desativada em 1831 por conta de explosões.

Localizado no bairro de mesmo nome, na Zona Sul, o Jardim Botânico é um dos mais importantes pontos turísticos do Rio e detém uma área que totaliza 137 hectares, sendo 54 deles cultivados. Além disso, abriga coleções raras de bromélias, orquídeas, plantas exóticas, árvores centenárias e obras do início do século XVI, como o Jardim Japonês, criado em 1935 a partir da doação de 65 espécies originárias do Japão.

No ano de 1995, recebeu o título de Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, tornando-se um órgão federal vinculado ao Ministério do Meio Ambiente. O instituto tem como missão promover e divulgar estudos, pesquisas e coleções científicas para educar a sociedade a respeito da importância de conservar a biodiversidade e é responsável por administrar o Jardim. ■



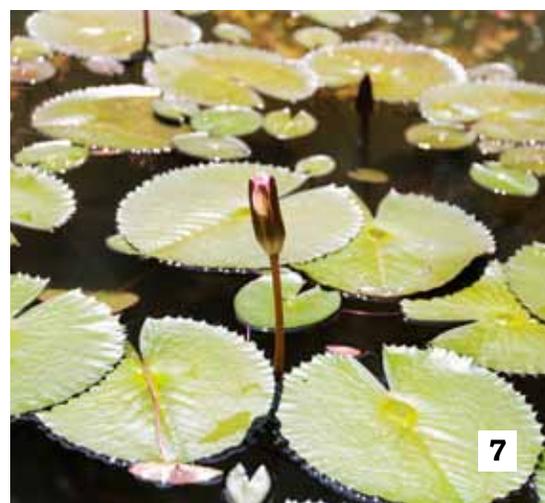
2



3

- 1 - Chafariz
- 2 - Palmeiras Imperiais
- 3 - Sede administrativa

Fotos
Daniel Almeida



- 4 - Entrada principal
- 5 - Cachoeira
- 6 - Orquidário
- 7 - Lago das Vitória Régias
- 8 - Orquídea em detalhe
- 9 - Cactário

Fotos
Daniel Almeida





A IMPRENSA OFICIAL ESTÁ DE PORTAS ABERTAS PARA VOCÊ



CTP de última geração



Impressoras off-set 4 cores



Impressora Rotativa de jornais

Quer um trabalho de qualidade com excelente custo-benefício? Então você precisa conhecer a gráfica da Imprensa Oficial, uma das mais bem equipadas do Rio de Janeiro, que se destaca pela modernidade e tecnologia.

CONFIRA TODA A MODERNIDADE DO NOSSO PARQUE GRÁFICO.

- Equipamentos CTP - Computer to Plate - AGFA de última geração.
- Impressora de prova de cor Epson de alta definição.
- Impressoras, dobradeiras, alceadeiras (grampo) e coladeira (PUR) - Heidelberg.

OFERECEMOS DIVERSOS SERVIÇOS.

- Impressão digital com possibilidade de inserção de dados variáveis para personalização em folders, mala direta e crachás.
- Livros, revistas, impressos promocionais e formulários.
- Impressões de jornais a 4 cores.
- Variados tipos de acabamento.

LIGUE E SOLICITE ORÇAMENTO: 21. 2717-5825
RUA PROFESSOR HEITOR CARRILHO, 81 - NITERÓI/RJ - CEP. 24030-230
ACESSE O NOSSO SITE WWW.IOERJ.COM.BR



Sala de Cultura
LEILA DINIZ
Arte e Cultura da Região Metropolitana

Sala de Cultura Leila Diniz

Espaço Cultural da Imprensa Oficial.
Um lugar para mostrar a sua arte.

MÚSICA

TEATRO

DANÇA

EXPOSIÇÃO

LITERATURA



ENTRADA FRANCA

de 2ª a 6ª, das 10h às 17h.

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81 - Centro, Niterói
Telefones: (21) 2717- 4055 e 2717-5299
E-mail: saladecultura@ioerj.com.br

@CulturaLeilaDiniz

